

Conhecimento de profissionais da educação infantil sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros na escola

Early childhood professionals knowledge on accident prevention and first aid in the school

Conocimientos de los profesionales de la primera infancia sobre prevención de accidentes y primeros auxilios en la escuela

Recebido: 07/02/2022 | Revisado: 14/02/2022 | Aceito: 16/02/2022 | Publicado: 25/02/2022

Leolina Alves de Souza Neves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6321-9531>

Faculdade de Ensino de Minas Gerais, Brasil

E-mail: leolinaa@gmail.com

Priscilla Malta Prado Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7282-7347>

Faculdade de Ensino de Minas Gerais, Brasil

E-mail: priscillamalta10@gmail.com

Mark Anthony Beinner

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0980-8976>

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

E-mail: mbeinner@gmail.com

Suelen Rosa de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7330-6102>

Faculdade de Ensino de Minas Gerais, Brasil

E-mail: suelenfacemg@gmail.com

Resumo

Esse estudo teve o objetivo de identificar conhecimentos e experiências de profissionais da educação infantil sobre primeiros socorros e prevenção de acidentes em instituições privadas de educação infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais. Trata-se de um estudo piloto, de abordagem exploratória, quanti-qualitativa, realizada em duas escolas privadas de educação infantil. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista com 11 profissionais da educação infantil, utilizando roteiro semiestruturado e aplicação de um questionário sobre conhecimentos específicos em primeiros socorros, antes e após a realização de ação educativa com os participantes. O estudo permitiu evidenciar a insuficiência de conhecimento dos profissionais sobre esse tema, insegurança em lidar com situações de acidentes no ambiente escolar e falta de treinamento formal sobre o assunto. Verificou-se que os profissionais da educação infantil apresentaram fragilidades relacionadas ao conhecimento em primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar. Espera-se que este estudo possa incentivar um novo olhar sobre o tema, oferecendo subsídios para novas intervenções.

Palavras-chave: Primeiros socorros; Educação em saúde; Prevenção de acidentes; Creches; Pré-escolar.

Abstract

This study aimed to identify knowledge and experiences of early childhood education professionals concerning first aid and accident prevention in the school environment, in private primary schools in Belo Horizonte, Minas Gerais. This study used an exploratory approach, quanti-qualitative design, that was done in two private schools. Data collection was performed through interviews with 11 early childhood professionals, using a semi-structured script and the application of a questionnaire on specific knowledge about first aid, before and after conducting an educational action with participants. The study observed insufficient knowledge by professionals on this topic, insecurity in dealing with accident situations at the school and the lack of formal training. Early childhood education professionals presented weaknesses related to knowledge of first aid and accident prevention in the school environment. It is hoped that this study can encourage a new approach on the subject, offering subsidies for new interventions.

Keywords: First aid; Health education; Accident prevention; Child day care centers; Children, preschool.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar el conocimiento y las experiencias de los profesionales de la primera infancia sobre primeros auxilios y prevención de accidentes en instituciones privadas en Belo Horizonte, Minas Gerais. Estudio piloto, enfoque exploratorio, cuantitativo y cualitativo, realizado en dos escuelas privadas de educación infantil. La recopilación de datos se realizó a través de entrevistas con 11 profesionales de la primera infancia, utilizando un guión semiestruturado y la aplicación de un cuestionario sobre conocimientos específicos de primeros auxilios, antes y después de llevar a cabo una acción educativa con los participantes. El estudio mostró el conocimiento insuficiente de los profesionales sobre este tema, la inseguridad en el manejo de situaciones de

accidentes en el entorno escolar y la falta de capacitación formal sobre el tema. Los profesionales de educación infantil presentaron debilidades relacionadas con el conocimiento de primeros auxilios y prevención de accidentes en el ámbito escolar. Se espera que este estudio pueda alentar una nueva mirada sobre el tema, ofreciendo subsidios para nuevas intervenciones.

Palabras clave: Primeros auxilios; Educación en salud; Prevención de accidentes; Jardines infantiles; Preescolar.

1. Introdução

Durante o crescimento e desenvolvimento infantil, as crianças estão sujeitas a riscos próprios de cada idade. À medida que crescem e se desenvolvem, elas começam, cada vez mais, a explorar o próprio corpo, desenvolver novas habilidades e se apropriar do seu ambiente, como uma estratégia de aprendizado e socialização. Nesse sentido, salienta-se a importância de um ambiente favorecedor, adaptado às necessidades físicas e emocionais da criança, possibilitando-lhe boas condições, o que inclui sua segurança (Santos et al., 2019).

Apesar da maioria dos acidentes envolvendo crianças ocorrer em ambiente doméstico, o ambiente escolar também é um espaço de vulnerabilidade, por ser um local onde as crianças permanecem por longos períodos do dia (Costa et al., 2017).

O acidente pode ser definido como todo evento não-intencional capaz de causar lesões físicas ou emocionais, dependendo da sua gravidade, podendo ocorrer em quaisquer ambientes, inclusive na escola (Briccius et al., 2009). De acordo com o Ministério da Saúde (MS), um dos principais fatores de mortalidade e morbidade de crianças e jovens, em qualquer lugar do mundo, são os traumas associados a causas externas, sobretudo acidentes de trânsito, afogamentos, agressões, queimaduras, quedas, asfixias e intoxicações (SBPSP, 2017).

No Brasil, estas causas intencionais e não intencionais determinam, a cada ano, a morte de cerca de 23.000 menores de 19 anos; enquanto um número dez vezes maior sofre traumas não fatais, mas com grande potencial de incapacitação permanente. Dessa forma, os acidentes podem ser considerados um problema social de grande dimensão, que podem gerar alto impacto para a saúde pública (SBPSP, 2017; Brasil, 2015).

Crianças na primeira infância (0 a 6 anos) representam um grupo que merece especial atenção quanto à prevenção de acidentes, considerando que esta é a fase em que ocorrem as maiores transformações no desenvolvimento motor, cognitivo e social. Assim, a maioria dos acidentes que ocorrem nessa faixa etária estão associados à conjuntura das crianças na primeira infância, o que as torna mais vulneráveis, como a sua imaturidade, curiosidade, desenvolvimento, integridade física, e ambiente ao qual está exposta (Magalhaes et al, 2021). Reforça-se que, quanto mais nova for a criança, menor sua percepção de risco e maior a sua vulnerabilidade aos acidentes (Simas et al., 2019; Reis et al., 2021).

Considerando o ambiente escolar como um local importante do cotidiano infantil e um espaço relevante para a adoção de medidas de prevenção de acidentes na infância, faz-se necessário o entendimento desse cenário. Segundo o Censo Escolar, no ano de 2018 foram registradas 48,5 milhões de matrículas nas 181,9 mil escolas de educação básica brasileiras, sendo que, somente na educação infantil foram cerca de 8,7 milhões (Brasil, 2019).

Nas escolas existem uma série de situações que colocam os alunos da educação infantil expostos a diversos riscos, seja em sala de aula ou em outros ambientes, tais como corredores, escadas, banheiros, áreas de recreação; o que pode facilitar a ocorrência de acidentes, especialmente quedas, inalação de objetos pequenos, engasgos, fraturas de dentes, fraturas ósseas e entorses diversos (Brasil, 2018).

Quando a criança entra no ambiente escolar, a responsabilidade sob sua integridade física é da escola e, dessa forma, qualquer eventualidade que possa ocorrer, fica sob a responsabilidade da instituição. Assim, as instituições devem assegurar a proteção da criança, atuar na prevenção de acidentes e estarem preparadas para agir de forma oportuna na ocorrência dos mesmos (Brasil, 2017).

A educação em primeiros socorros deve ser universal, ou seja, todos podem e devem aprender sobre essa temática (Markenson et al., 2010). Nesse cenário educação em saúde é uma alternativa que possibilita a construção crítica do

conhecimento, onde é possível compartilhar com o coletivo as experiências e saberes sobre temas da saúde (Venturi & Mohr, 2021). Dessa maneira, é importante desenvolver práticas educativas que sensibilizem os profissionais da educação infantil, buscando a (re)construção de conhecimentos e valores relacionados à prevenção e cuidados imediatos em casos de acidentes.

Considerando o exposto, o objetivo deste estudo foi identificar o conhecimento e as experiências de profissionais da educação infantil sobre primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar, em instituições privadas de educação infantil do município de Belo Horizonte, Minas Gerais.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória, do tipo estudo piloto, com base na metodologia da problematização (Silva Filho, A. P., & Barbosa, 2019; Berbel, 2014). Participaram da pesquisa oito professores e três monitores que atuam em duas escolas privadas da região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Essas escolas atendem crianças de cinco meses a seis anos de idade.

A coleta de dados foi realizada em setembro de 2018 e seguiu três etapas: a primeira etapa consistiu na aplicação de um questionário para identificação e caracterização dos participantes. Na segunda etapa houve a realização de entrevistas para conhecer a percepção dos profissionais e suas experiências sobre os acidentes na infância no ambiente escolar e sobre o conhecimento em primeiros socorros. Essa entrevista foi conduzida a partir de um roteiro semiestruturado com cinco questões abertas sobre o objeto de estudo. A terceira etapa consistiu na realização de uma ação educativa com os participantes. Essa ação foi programada com base nas respostas obtidas na primeira e segunda etapas, considerando as demandas evidenciadas pelos participantes e o perfil do público atendido nessas instituições. Para avaliar a eficácia da ação educativa foi aplicado um questionário contendo dez questões fechadas sobre o tema, cada questão com quatro opções de respostas, aplicado antes e após a participação dos sujeitos na ação educativa. Foi disponibilizado um tempo de 25 minutos para responder ao questionário pré e pós teste, sob supervisão das pesquisadoras.

A ação educativa teve duração aproximada de 90 minutos e abordou os seguintes temas: prevenção de acidentes, serviços de emergência, incidência de acidentes por faixa etária e condutas de primeiros socorros frente aos acidentes mais comuns na faixa etária de 0 a 6 anos. A ação foi conduzida por meio de uma roda de conversa, durante a qual os pesquisadores apresentaram informações e imagens sobre o tema, por meio de material elaborado em programa Power Point, sempre suscitando discussões e a participação dos sujeitos da pesquisa com o compartilhamento de seus conhecimentos e suas experiências pessoais. As ações foram realizadas separadamente em cada escola participante. A elaboração do questionário e da própria ação educativa teve como referencial teórico materiais do MS e da Organização Não Governamental Criança Segura (Safe Kids Brasil) (Brasil, 2016).

A análise de dados considerou as características específicas de cada tipo de informação, sendo que os dados quantitativos foram analisados por meio de técnicas de estatística descritiva (frequência absoluta e relativa) e os dados qualitativos foram analisados por meio da análise de conteúdo, segundo as orientações de Bardin (Bardin, 2016).

O estudo obedeceu aos preceitos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos segundo as resoluções nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (Brasil, 2012) e a Declaração de Direitos Humanos de Helsinque. O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética da Universidade Paulista (UNIP) sob parecer número 2.716.512. Os participantes foram convidados pessoalmente e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garantia a voluntariedade da participação, o anonimato e o sigilo das informações. Não houve conflitos de interesse na realização desse estudo. Para assegurar o anonimato, os depoimentos foram identificados pela letra P, que representa a palavra Participante, seguida pela letra A ou B para diferenciar as duas instituições de ensino, seguida da numeração sequencial de ordem de realização das entrevistas.

3. Resultados

3.1 Caracterização dos participantes

Um total de 12 profissionais responderam o pré-teste e participaram da ação educativa. Entretanto, um profissional se recusou a responder o pós-teste, sendo excluído da pesquisa. Assim, a amostra final foi de 11 profissionais. A caracterização dos participantes está descrita na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes do estudo, Belo Horizonte, MG, 2018.

Variáveis		n (%)
Formação	Ensino Superior	8 (73)
	Ensino Médio	2 (18)
	Ensino Fundamental	1 (9)
Sexo	Feminino	11 (100)
	Masculino	0 (0)
Idade	20 a 30 anos	4 (36)
	30 a 40 anos	4 (36)
	>40 anos	4 (28)
Tempo de formação	1 a 5 anos	3 (30)
	6 a 10 anos	3 (30)
	>10 anos	4 (40)
Tempo que trabalha na instituição	1 a 5 anos	10 (91)
	6 a 10 anos	9(9)
	>10 anos	1 (0)

Fonte: Dados da pesquisa.

Verificou-se que a maior parte dos participantes possui ensino superior completo, sendo todos do sexo feminino e com mais de 10 anos de formação profissional.

3.2 Avaliação da ação educativa sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros na infância

A ação educativa foi realizada por meio de um único encontro com os participantes, em cada instituição. Os resultados descritivos da avaliação do conhecimento pré e pós-participação na referida ação se encontram na Tabela 2.

Tabela 2. Avaliação do conhecimento antes e após a participação na ação educativa sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros, Belo Horizonte, MG, 2018.

Temas abordados em cada questão	Acertos antes da ação educativa n(%)	Acertos depois da ação educativa n(%)
Corpos estranhos	5 (45,5)	3 (27,3)
Intoxicação	6 (54,5)	8 (72,7)
Serviços de Emergência	0 (0,0)	2 (18,2)
Quedas	10 (90,9)	9 (81,8)
Febre (condutas)	5 (45,5)	6 (54,5)
Febre (temperatura)	3 (27,3)	1 (9,1)
Epistaxes	0 (0,0)	4 (36,4)
Obstrução por vias aéreas	2 (18,2)	4 (36,4)
Prevenção de acidentes	7 (63,6)	10 (90,9)
Traumas	7 (63,6)	7 (63,6)
Média total de acertos	4,5 (45)	5,4 (54,5)

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando os resultados da ação educativa verificou-se que houve um aumento discreto na frequência total de acertos após a ação educativa (de 45,50% antes para 54,50% após a ação educativa). Os temas em que os participantes tiveram pior desempenho nas respostas antes da ação educativa foram: epistaxe, acionamento de serviços de emergência, identificação da febre e obstrução de vias aéreas. Verificou-se que alguns temas apresentaram uma discreta melhora na frequência de acertos após a ação educativa, sendo eles: Intoxicação, acionamento dos serviços de emergência, obstrução de vias aéreas, epistaxe e prevenção de acidentes. Porém, por se tratar de um estudo piloto com poucos profissionais, a significância estatística dessa mudança não foi calculada. Ressalta-se que o objetivo da aplicação desse questionário no estudo piloto, bem como da ação educativa, foi identificar as principais dificuldades dos profissionais da educação infantil sobre o tema, visando o delineamento de melhores abordagens posteriormente.

3.3 Avaliação qualitativa da percepção dos profissionais sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros na infância

São apresentados, a seguir, os resultados da análise de conteúdo das entrevistas realizadas com os 11 participantes. As análises permitiram evidenciar três categorias temáticas.

Categoria 1: conhecimento de profissionais da educação infantil sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros na infância

Essa categoria evidencia a falta de conhecimentos e a insegurança dos profissionais da educação infantil para lidar com a prevenção de acidentes na infância e as medidas de primeiros socorros. Quando questionados sobre o fato de se sentirem preparados para lidar com situações que envolvem um acidente dentro do ambiente escolar, oito (73%) responderam que não. As demais respostas permitiram identificar, de maneira indireta, que existem dúvidas sobre o tema.

[...] me sinto mais ou menos preparada. (PB4)

Assim...alguns primeiros atendimentos básicos, simples, eu sei. Os outros eu não tenho nem ideia. (PA3)

Quando questionados sobre a participação em treinamentos sobre prevenção de acidentes na infância e técnicas de primeiros socorros, 10 (91%) dos entrevistados disseram que não foram treinados. Os profissionais reconhecem a necessidade de participação em treinamentos e ações educativas para que tenham mais informações sobre como agir quando estas situações ocorrem:

Não. Se eu receber um treinamento, seria muito bom. Nós precisamos ter um treinamento, pois coisas básicas eu não sei como fazer nem agir. (PA3)

Ao serem questionados sobre os motivos pelos quais os acidentes acontecem, as respostas evidenciaram uma tendência a culpabilização das próprias crianças.

Acontecem por [as crianças] não darem ouvidos aos monitores e até mesmo nós, e querem fazer as coisas sem pensar no perigo que elas correm. (PB1)

Acontecem por falta de atenção delas mesmas [as crianças] e por não obedecerem. Antes de correr eu grito, eu falo, ninguém me obedece. (PB2)

Outros motivos relacionados a ocorrência de acidentes, citados pelos participantes, foram a falta de monitores em quantidade suficiente e o descuido dos profissionais, ressaltando o fato de que esses acidentes acontecem de maneira repentina.

Categoria 2: vivência dos profissionais da educação infantil sobre acidentes na infância

Dos 11 profissionais entrevistados, quatro (36%) relataram já terem presenciado, em algum momento de sua vida profissional, um acidente com criança no ambiente escolar. Apesar da maioria dos participantes nunca terem presenciado esse tipo de acidente em seu ambiente de trabalho, verificou-se que, quando isso ocorre, os profissionais mostram-se inseguros quanto à sua atuação perante o acidente.

Sim. Fiquei assustada, não soube agir. (PA1)

Eu assustei, a gente estava de olho nos meninos, erámos três professores e mesmo assim a menina caiu. Ela tentou se levantar só que ela desmaiou, então tive que trazer outras professoras para levá-la na UPA. (PA2)

Os participantes que informaram que nunca vivenciaram situações de acidentes em seu ambiente de trabalho justificaram esse fato alegando que ficam atentos às medidas de prevenção, citando, principalmente, o fato de não deixarem as crianças subirem em lugares altos.

Categoria 3: ações de prevenção de acidentes realizadas pelos professores da educação infantil

Ao abordar as ações de prevenção de acidentes, a maioria dos entrevistados disseram que realizam ações de prevenção, especialmente no que diz respeito a evitar quedas e engasgo ou aspiração por objetos e brinquedos colocados na boca ou nariz.

Trabalho realizando ações de prevenção dentro das salas de aula para evitar os acidentes com as crianças, não deixo colocarem nada na boca, nem subir nas carteiras e cadeiras. (PB2)

Peço a atenção das crianças quando forem brincar e cuidado com os brinquedos. (PB5)

Interessante notar que quatro (36%) participantes relataram que não é possível prevenir os acidentes no ambiente escolar, associando esse fato ao comportamento das crianças.

Não [não é possível prevenir]. As crianças, se prestassem atenção, não aconteceria acidentes. (PB1)

4. Discussão

Esse estudo pretendeu identificar o conhecimento e as experiências de profissionais da educação infantil sobre primeiros socorros e prevenção de acidentes no ambiente escolar. O estudo permitiu evidenciar a insuficiência de conhecimento dos profissionais sobre esse tema, a insegurança em lidar com situações de acidentes no ambiente escolar e a falta de treinamento formal sobre o assunto.

Quanto ao perfil dos participantes, é interessante observar que todos foram do sexo feminino. Essa predominância do sexo feminino corrobora com outras casuísticas (Calandrin et al, 2017; Brito et al, 2020). Podemos associar este achado ao papel desenvolvido pelos participantes, que em maioria são professores de educação infantil, sendo uma atividade que cultural e historicamente é desempenhada ainda majoritariamente por mulheres (Costa et al, 2017).

A ocorrência dos acidentes na faixa etária de 0 a 6 anos é frequente porque existem uma série de situações que colocam os alunos da educação infantil expostos a diversos riscos em sala de aula ou em outros ambientes da escola (como corredores, escadas, banheiros, áreas de recreação), favorecendo com que o acidente ocorra, apesar de ser, quase sempre, previsível. A vulnerabilidade dessas crianças aos acidentes é variável em função do nível de coordenação de seu sistema nervoso, aptidão motora, senso de percepção de riscos e da instintiva proteção a ela dispensada por parte da mãe, familiar, cuidador ou seu professor (a) (Reis et al., 2021). Isso reforça a necessidade de que os profissionais que lidam com crianças

nessa faixa etária no ambiente escolar tenham domínio sobre as medidas de prevenção de acidentes e primeiros socorros, garantindo a segurança das mesmas. É importante considerar que os profissionais da educação infantil, quando bem instruídos, tem motivação para prestar o socorro correto e agir de maneira oportuna. Por outro lado, quando não são treinados, o risco para realizar uma intervenção erroneamente é maior, colocando a saúde e a integridade física da criança em risco (Adib-Hajbaghery et al., 2019).

Outro dado que merece atenção foi a evidência de uma certa culpabilização das próprias crianças pelos acidentes, o que pode representar uma fragilidade de capacitação profissional. As crianças não devem ser culpadas pelos acidentes nessa faixa etária pelo fato de não terem maturidade suficiente para avaliar os riscos de suas ações (Reis et al., 2021). Estes achados reforçam a necessidade de estratégias de educação direcionadas aos profissionais que atuam nesse ambiente, para que os mesmos adquiram melhor compreensão dos diversos estágios do desenvolvimento infantil e consigam correlacionar de maneira mais clara o comportamento das crianças nas diferentes idades e os riscos de acidentes a que estão expostas.

Pelo fato de a criança passar mais de um terço do dia na escola, sugere-se proposta de inclusão obrigatória desse conteúdo desde a educação infantil, como já existe em muitos países (DeBuck et al., 2015; Luckas et al., 2016), até a educação fundamental, ensino médio e universitário, principalmente na formação de professores. Resultados de estudos já têm demonstrados como a presença do enfermeiro na escola, por meio do Programa Saúde da Escola (PSE) é determinante na atenção aos processos de promoção em saúde ao estimular debates técnicos, apresentar sua perspectiva em relação aos processos de saúde e doença, além de fortalecer as relações sociais entre profissionais da educação e da saúde (Brito et al., 2020). Evidenciam o fato de o de que capacitações são efetivas, a curto e a longo prazo, trazendo conhecimentos significativos na promoção da segurança de crianças, adolescentes e jovens no ambiente escolar.

Outro dado importante de se mencionar é quanto ao acionamento dos serviços de emergência, em que se obteve um baixo índice de acertos. Existem dúvidas por parte dos profissionais da educação infantil sobre qual serviço deve ser acionado: o serviço médico de emergência ou o corpo de bombeiros. Isso corrobora com estudo nacional sobre o conhecimento de leigos em suporte básico de vida que evidenciou que 53% dos participantes não sabiam o número correto do serviço de emergência para acionar em caso de acidentes (Chehuen Neto et al., 2016).

O estudo apresentou fragilidades como ter incluído somente duas instituições de ensino e ambas privadas, fato que, além de limitar o estudo a um contexto bastante específico, também limitou o tamanho da amostra. Outra fragilidade foi o fato de que a estratégia educativa consistiu em uma ação pontual, sem o acompanhamento dos sujeitos ao longo do tempo. Sabe-se que propostas educativas com delineamento longitudinal poderiam favorecer a construção e compartilhamento do conhecimento, com resultados mais efetivos na mudança de comportamento (Andrade et al., 2019).

Sugere-se que futuros estudos sejam realizados de maneira longitudinal, permitindo o acompanhamento sistemático dos seus resultados e a adequação contínua às necessidades dos participantes, favorecendo melhores estratégias de aprendizado e de mudança real nas práticas cotidianas desses profissionais.

Reforça-se, ainda, a importância da realização de pesquisas mais abrangentes, que incluam diferentes contextos, como escolas públicas e privadas, e que também possam ampliar o público-alvo para além dos profissionais da educação infantil. A inclusão, por exemplo, das próprias crianças, com estratégias de educação apropriadas para cada idade, poderia fortalecer a compreensão de que a prevenção de acidentes nas escolas deve ser uma estratégia coletiva que envolve todos aqueles que compartilham esse ambiente.

5. Considerações Finais

O presente estudo permitiu identificar lacunas existentes no conhecimento dos profissionais sobre a prevenção de acidentes e primeiros socorros na infância, além da carência de ações formais de educação e treinamento sobre o tema. Espera-

se que os resultados apresentados possam incentivar um novo olhar sobre os acidentes em ambiente escolar, oferecendo subsídios para novas intervenções, considerando que os acidentes acontecem, em sua maioria, de forma previsível, podendo ser evitados.

Sugere-se que futuros estudos sejam realizados de maneira longitudinal, permitindo o acompanhamento sistemático dos seus resultados e a adequação contínua às necessidades dos participantes, favorecendo melhores estratégias de aprendizado e de mudança real nas práticas cotidianas desses profissionais. Reforça-se, ainda, a importância da realização de pesquisas mais abrangentes, que incluam diferentes contextos, como escolas públicas e privadas, e que também possam ampliar o público-alvo para além dos profissionais da educação infantil. A inclusão, por exemplo, das próprias crianças, com estratégias de educação apropriadas para cada idade, poderia fortalecer a compreensão de que a prevenção de acidentes nas escolas deve ser uma estratégia coletiva que envolve todos aqueles que compartilham esse ambiente.

Referências

- Adib-Hajbaghery, M., & Kamrava, Z. (2019). Iranian teachers' knowledge about first aid in the school environment. *Chinese journal of traumatology*, 22(04), 240-245. <https://doi.org/10.1016/j.cjtee.2019.02.003>
- Andrade, G. F. d., Loch, M. R., & Silva, A. M. R. (2019). Mudanças de comportamentos relacionados à saúde como preditores de mudanças na autopercepção de saúde: estudo longitudinal (2011-2015). *Cadernos de Saúde Pública*, 35(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00151418>
- Bardin, L. (2016). Análise de conteúdo. Edições 70.
- Berbel, N. A. N. (2014). Metodologia da problematização: respostas de lições extraídas da prática. *Semina: Ciências sociais e humanas*, 35(2), 61-76. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2014v35n2p61>
- Brasil- Frente Parlamentar Mista da Primeira Infância, (2018). *Plano Nacional da Primeira Infância - Avanços do Marco Legal da Primeira Infância*. Caderno de Trabalhos e Debates. <http://agendaprimeirainfancia.org.br>.
- Brasil, (2016). Criança Segura Safe Kids-15 anos da criança no Brasil- Análise de indicadores de mortes e internações por acidentes na infância e adolescência desde 2001. <https://criancasegura.org.br>
- Brasil. (2017). *Código penal*. Coordenação de Edições Técnicas. <https://www2.senado.leg.br/bdsf> (Obra original publicada em 2017)Ministério da Justiça : Brasília
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde (2012). Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/consop/index.html
- Brasil. Ministério da Educação. (2019). *Notas Estatísticas: Censo Escolar 2018*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Brasília <https://portal.inep.gov.br>
- Brasil., Ministério da Saúde, B. (2015). Portaria Interministerial n° 288, de 25 de março de 2015. Brasília <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/>.
- Briccius, M., & Murofuse, N. T. (2009). Atendimento de crianças realizado pelo SIATE de Cascavel no ano de 2004. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 10(1). <https://doi.org/10.5216/ree.v10i1.8008>
- Brito, J.G., de Oliveira, I.P., Godoy, C.B., dos Santos, A.P., França, J.M. (2020). Effect of first aid training on teams from special education schools. *Revist Bras Enferm*, 73(2). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0288>
- Calandrim, L. F., Santos, A. B. d., Oliveira, L. R. d., Vedovato, C. A., Massaro, L. G., & Boaventura, A. P. (2017). First aid at school: teacher and staff training. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 18(3), 292. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2017000300002>
- Chehuen Neto, J. A., Brum, I. V., Pereira, D. R., Santos, L. G., Moraes, S. L. d., & Ferreira, R. E. (2016). Basic Life Support Knowledge and Interest Among Laypeople. *International Journal of Cardiovascular Sciences*. <https://doi.org/10.5935/2359-4802.20160064>
- Costa, S. N. G., Silva, J. M. M., Freitas, B. H. B. M., & Reis, A. F. C. (2017). Child accidents: knowledge and perception of daycare educators. *J Nurs UFPE on line*, 11(10), 3845-52. <https://doi.org/10.5205/reuol.12834-30982-1-SM.1110201719>
- Buck, E., Van Remoortel, H., Dieltjens, T., Verstraeten, H., Clarysse, M., Moens, O., et al. (2015). Evidence-based educational pathway for the integration of first aid training in school curricula. *Resuscitation*, 94,8-22. <https://doi.org/10.1016/j.resuscitation.2015.06.008>
- Gonçalves da Costa, S. N., Maydan Moraes da Silva, J., Borges Martins de Freitas, B. H., & Fátima Camila Reis, A. (2017). Acidentes infantis: conhecimento e percepção de educadoras de creches. *Revista de Enfermagem UFPE*, 11(10), Artigo <https://pdfs.semanticscholar.org/0fed/304e9bc21131390fd7ce99e39bedebf3ce2>. <https://doi.org/10.5205/reuol.12834-30982-1-SM.1110201719>
- Lukas, R.P., Van Aken, H., Mölhoff, T., Weber, T., Rammert, M., Wild, E., et al. (2016). Kids save lives: a six-year longitudinal study of schoolchildren learning cardiopulmonary resuscitation: who should do the teaching and will the effects last? *Resuscitation*. 101, 35-40. <https://doi.org/10.1016/j.resuscitation.2016.01.028>

Magalhães, D. de F. ., Nobre, K. F. de T. ., Theis, L. C., & Basegio, L. F. . (2021). Acidentes na primeira infância: contribuições da Enfermagem na construção de orientações preventivas . *Research, Society and Development*, 10(2), e21010212415. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12415>

Markenson, D., D. Ferguson, J., Chameides, L., Cassan, P., Chung, K.-L., Epstein, J., González, L., Herrington, R. A., L. Pellegrino, J., Ratcliff, N., & Singer, A. (2010). 2010 American Heart Association and American Red Cross Guidelines for First Aid. *Circulation*, 122(18), Artigo <https://www.ahajournals.org/journal/circ>. <https://doi.org/10.1161/cir0b013e31811fd7>

Pinto Sena, S., Ricas, J., & de Almeida Viana, M. R. (2008). A representação social dos acidentes escolares por educadores em escola de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, Belo Horizonte. *Revista Médica de Minas Gerais*, 18(4 supl 1), <http://rmmg.org/artigo/detalhes/1400>.

Reis, T. d. S., Oliveira, I. d. S., Santos, J. M. d. J., Farre, A. G. M. d. C., Rodrigues, I. D. C. V., Leite, A. M., & Freitas, C. K. A. C. (2021). Conhecimentos e atitudes de crianças escolares sobre prevenção de acidentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(3), 1077–1084. <https://doi.org/10.1590/1413-81232021263.06562019>

Santos dos Santos, G., Machado Pieszak, G., Calcagno Gomes, G., Baldicera Biazus,, C., & De Oliveira Silva, S. (2019). Contributions of Better Childhood for growth and child development in family perception / Contribuições da Primeira Infância Melhor para o crescimento e desenvolvimento infantil na percepção das famílias. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 11(1), 67–73. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i1.67-73>

SBPSP. (2017). Sociedade de Pediatria de São Paulo. *Boletim da Sociedade de pediatria de São Paulo*. 2 (6), 2017., 2(6), 4–6. <https://www.spsp.org.br/>

Silva Filho, A. P., & Barbosa, J. C. (2019). O potencial de um estudo piloto na pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Educação*, 13(3), 1135-1155. <https://doi.org/10.14244/198271992697>

Simas, V. d. F., & Souza, A. d. S. (2019). Perfil de crianças hospitalizadas na pediatria vítimas de acidentes na primeira infância. *Revista Pró-UniversUS*, 10(1), 25–28. <https://doi.org/10.21727/rpu.v10i1.1633>

Venturi, T., & Mohr, A. (2021). Panorama e análise de períodos e abordagens da educação em saúde no contexto escolar brasileiro. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, 23. <https://doi.org/10.1590/1983-21172021230121>